

Artigo de Opinião**Publicação de biografias – O fim da censura prévia e o direito à privacidade.****Ainda “é proibido proibir”?***Por Gislaine Buosi*

A Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) proposta pela Associação Nacional dos Editores de Livros (ANEL), em trâmite no STF desde julho/2012, teve seu veredito em junho/2015: por 9 votos a 0, os ministros decidiram liberar a publicação de biografias sem autorização prévia dos biografados ou das respectivas famílias, em caso de biografado falecido. A ADIN enfrentou argumentações de diversos grupos de artistas, entre os quais o Procure Saber, grupos que, no entanto, foram vencidos pela decisão do STF. Porém, há quem diga que algo importante foi preterido: a privacidade do biografado, direito constitucionalmente garantido. Esse reclamo não pode ser aceito.

Realmente, ainda que alguns profissionais estejam expostos à galhofa e ao aplauso, o fato de a voz, a performance e as pinceladas serem objeto da apreciação pública não autoriza que também o sejam os vícios, os relacionamentos pessoais e as mais secretas situações que permeiam a vida do ser humano. Nesse ínterim, a Suprema Corte julgou que, uma vez acolhido pelo palco, pela História ou pelo escândalo, o direito à privacidade cede espaço ao interesse público.

Entretanto, é descabida, hoje, a manifestação de alguns artistas que, nos Anos de Chumbo – designação do período mais repressivo da Ditadura Militar no Brasil – arvoraram-se contra a censura e, bem agora, pretendem resgatá-la, ao fundamento de que ao biografado pertence sua história e tudo o que a ela implica. E, então, eles são pegos na própria letra: “é” ou “era” proibido proibir?

A discussão é, realmente, bastante acalorada. Todavia, leis e sentenças judiciais precisam ser respeitadas – e não contestadas. Logo, a decisão do STF deve ser acatada. Até porque a etimologia da palavra “biografia” é clara: história da vida. Os biógrafos apenas vasculham as entrelinhas da história que, obviamente, já foi desenhada. Aqui a sabedoria popular ensina: canja de galinha não faz mal a ninguém – nem atitudes sensatas a serem, posteriormente, editadas.